



ARQUITETURA BANCÁRIA EM MARINGÁ

Inventário de Documentação

Aníbal Verri Junior

Mestre, Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Estadual de Maringá
avjunior@uem.br

Eduardo Verri Lopes

Mestre, Participante do Projeto de Pesquisa Arquitetura Bancária de Maringá da
Universidade Estadual de Maringá
e.verri@gmail.com

Tânia Nunes Galvão Verri

Doutora, Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Estadual de Maringá
tngverri@uem.br

Vinícius Alves de Araujo

Arquiteto e Urbanista, Participante do Projeto de Pesquisa Arquitetura Bancária de Maringá da
Universidade Estadual de Maringá
viniciusalvesdearaujo@hotmail.com

Resumo:

Esse texto analisa um conjunto de edifícios destinados a agências bancárias em Maringá, que se distingue, não pelo programa, mas pela relevância de seus autores na produção arquitetônica nacional e pela elevada qualidade dos projetos, que levaram ao interior do país exemplares da boa arquitetura. Foram reunidos sete edifícios e se fez uma investigação histórica, documental e redesenhos de todas elas objetivando as análises. Procurou-se com as disseções de cada um dos edifícios, a compreensão do método de trabalho dos autores, a apresentação das qualidades espaciais ancoradas nas decisões técnicas, a ampliação do entendimento da arquitetura para além da geografia dos grandes centros e a colaboração às pesquisas para a complementação da formação dos futuros arquitetos da cidade e região. Intencionou-se, ainda, registrar e construir uma cultura patrimonial na jovem cidade, buscando assegurar sua preservação, sua salvaguarda e contribuir para a historiografia da arquitetura e urbanismo modernos brasileiros.

Palavras-chave: Arquitetura Bancária, Arquitetura em Maringá, Arquitetura moderna.

Abstract:

This text analyzes a group of banking buildings in Maringa distinguished not by the program, but by the relevance of its authors in the national architectural scene and the high quality of the projects, which have taken examples of good architecture to the interior of the country. The research brought together seven buildings and made a historical investigation, documentary and redesigns of all of them aiming their analysis. It sought the dissections of each of the buildings, the understanding of the

13º Seminário
do_co,mo,mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



authors' work method, the presentation of the spatial qualities anchored in the technical decisions, the extension of the understanding of the architecture beyond the geography of the great centers and the collaboration to the researches for the complementation of the training of future architects of the city and region. It was also intended to register and build a patrimonial culture in the young city, seeking to ensure its preservation, its safeguard and contribute to the historiography of modern Brazilian architecture and urbanism.

Keywords: Banking architecture, Architecture in Maringa, Modern architecture.



ARQUITETURA BANCÁRIA EM MARINGÁ

Contexto

A produção arquitetônica de Maringá foi levantada e relacionada em três fases, a partir de seus agentes contratados, em pesquisa anterior (VERRI, 2016). A primeira fase, de influência paulista, caracterizada desde sua fundação em 1947, contou com as presenças de Rino Levi, Salvador Candia, Ícaro de Castro Mello e teve protagonismo do escritório Bellucci. Essa fase foi seguida por um período de políticas de interiorização do estado, com investimentos do governo paranaense nos municípios mais distantes da capital, trazendo à cidade o arquiteto Jaime Lerner e equipe como autores do Centro Esportivo Municipal e da Universidade de Maringá, dois dos maiores projetos públicos presentes na cidade. A terceira fase, compreendida entre a segunda metade da década de 1970 e a década de 1990, teve um expressivo número de agências bancárias projetadas por autores das capitais paulista, gaúcha e paranaense, implantadas na região central, fenômeno também observado em diversas cidades do país e analisado pela crítica. Esse texto cerca as edificações que abrigaram agências bancárias em Maringá, correlacionando-as à produção nacional.

Pioneiramente no Brasil, em 1979, Carlos Lemos discutiu sobre a "Arquitetura bancária e outras artes" (LEMOS, 1979), em artigo de opinião no qual criticava a inserção despreocupada desse programa nas cidades brasileiras. O texto foi posteriormente republicado na Revista Projeto n. 26, de janeiro de 1981, e foi seguido por respostas dos arquitetos Siegbert Zanettini (1981), de Alberto Rubens Botti (1981) e Sérgio Teperman (1981), arquitetos que atendiam a instituições bancárias e foram analisados pelo crítico. A reverberação deste debate ganhou visibilidade nas revistas de arquitetura, abordando especificamente a produção bancária, e, a partir de então, vários outros autores, como Sabbag (1984), Zein (1984), Segawa (1984) e Wissenbach (maio e set. 1984), publicaram críticas acerca do tema.

Certamente, essas discussões são decorrentes da intensa produção arquitetônica que aumentou o número de agências bancárias e sua distribuição pelo interior do país. A década de 1960 marca, dentro do contexto da ditadura brasileira e seus ideais nacional-desenvolvimentistas, o fortalecimento do mercado interno, momento em que as instituições bancárias públicas – estaduais e federais – e privadas despontam no sistema financeiro moderno, ampliando seus serviços e gerando essa necessidade. Para Sabbag (1984), em 1974 se iniciou a crescente implantação de agências bancárias nos grandes centros que, posteriormente, estendeu-se por todo território nacional. Maringá esteve contida nessa rota, sobretudo para que as empresas bancárias viabilizassem o financiamento da significativa produção agrária da região, principal base econômica do Paraná à época.



| DÉC. | ANO | 1ª fase – SP | 2ª fase – PR | 3ª fase – BR |
|------|------|---|---|--|
| 1940 | 1947 | FUNDAÇÃO DE MARINGÁ | | |
| | 1949 | RESIDÊNCIAS CMNP José Augusto Bellucci | | |
| 1950 | 1950 | GRANDE HOTEL MARINGÁ José Augusto Bellucci | | |
| | 1952 | BANCO SUL-AMERICANO José Augusto Bellucci | | |
| | | HOSPITAL MUNICIPAL | | |
| | 1953 | | BAR E APARTAMENTOS Carlos Alcântara Rosa | |
| | | TERMINAL DE PASSAGEIROS José Augusto Bellucci | | |
| | 1956 | MARINGÁ CLUBE José Augusto Bellucci | | |
| | | BANCO SUL-AMERICANO Rino Levi | | |
| | 1957 | CATEDRAL José Augusto Bellucci | | |
| | 1958 | CEMITÉRIO José Augusto Bellucci | | |
| | | COUNTRY CLUBE Ícaro de Castro Mello | | |
| 1959 | | ESTAÇÃO RODOVIÁRIA Neuzar de Carvalho | | |
| 1960 | 1961 | | EDIFÍCIO MARIA TERESA Sadao Nozaki | |
| | 1962 | | EDIFÍCIO TRÊS MARIAS Carlos Alcântara Rosa | |
| | | EDIFÍCIO MARINGÁ Salvador Candia | | |
| | 1963 | | BANCO BANESTADO Luty Vicente Kasprowicz | |
| | | | SECRETARIA AGRICULTURA Elgson Ribeiro Gomes | |
| | 1967 | PAÇO MUNICIPAL José Augusto Bellucci | | |
| 1969 | | ED. HERMAN LUNDGREEN | | |
| 1970 | 1971 | | UMA . UEM Jaime Lerner | |
| | 1972 | | CONDOMÍNIO TOZZO Luty Vicente Kasprowicz | |
| | | TRINCHEIRA UMA/CEMM Manoel Coelho | | |
| | 1974 | | EDIFÍCIO MARINGÁ Domingos Bongestabs e Manoel Coelho | |
| | | TEATRO MUNICIPAL José Augusto Bellucci | PROJETO CURA Domingos Bongestabs | |
| | | | BIBLIOTECA MUNICIPAL Luty Vicente Kasprowicz | |
| | 1976 | | | BANCO NACIONAL Rocha Diniz e Sidonio Porto |
| 1980 | 1980 | | | BANCO COMIND Königsberger Vannucchi |
| | 1980 | | | BANCO BANESTADO Rodolfo Doubek Filho |
| | 1982 | | FÓRUM Carlos Emiliano França | |
| | 1985 | | | BANCO BANESPA Paulo Mendes da Rocha |
| | | | | BANCO ITAÚ Itauplan |
| 1986 | | | CAIXA ECONÔMICA FEDERAL Luiz Forte Neto | |
| 1990 | 1990 | | | BANCO ITAÚ Itauplan |

Tabela 1: Fases projetuais de Maringá, obras e autores.
Fonte: VERRI, 2016, editado pelos autores.



As Agências Bancárias em Maringá

A Figura 1 mostra a localização das agências no centro de Maringá, implantadas na avenida Getúlio Vargas ou próximas à via. Tem-se, em 1952, o projeto não construído do arquiteto José Augusto Bellucci para o Banco Sul Americano, cuja agência construída foi projetada quatro anos depois por Rino Levi. Salvador Candia desenhou em 1962, sob contratação dos empreendedores do Banco da Lavoura de Minas Gerais, um edifício de apartamentos que contemplava em sua base a agência bancária. Em 1963, Luty Vicente Kasprowicz projetou a agência do Banco do Estado do Paraná, Banestado. Os arquitetos Raimundo da Rocha Diniz e Sidônio Porto projetaram o Banco Nacional, em 1976, mesmo ano do projeto do Banco do Brasil, de autoria do arquiteto gaúcho Delmar Cardoso Martins. O escritório Königsberger Vannucchi Arquitetos Associados foi autor do COMIND, Banco do Comércio e Indústria de São Paulo S.A., em 1980. No mesmo ano, os primeiros projetos de autores curitibanos: Renato Mueller, com o projeto da agência do Bamerindus; e Rodolfo Doubek Filho, que concebeu o Banestado; Luiz Forte Netto e associados, paulistas radicados em Curitiba, projetaram a agência da Caixa Econômica Federal em 1985. No ano seguinte, 1986, foi inaugurada uma agência do Banco do Estado de São Paulo - Banespa - de Paulo Mendes da Rocha. Outra empresa de destaque no cenário nacional foi a Itauplan, escritório técnico sob a direção do arquiteto João Eduardo De Gennaro, que projetou duas agências na cidade, a central em 1983, e outra na avenida Brasil, em 1990.

A partir destes exemplares, intencionou-se compreender a arquitetura com a dissecação dos edifícios, interpretando-os a partir de sua localização na cidade, implantação no lote, distribuição do programa, estrutura, vedações, instalações técnicas e materiais empregados. Somaram-se a esse processo de análise a interpretação dos episódios históricos locais e nacionais, assim como os debates da crítica arquitetônica, que na época foram estabelecidos por meio das revistas. Como método, foram consultados os projetos legais obtidos junto à Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Maringá – principal base documental. As informações foram complementadas por meio de visitas técnicas, levantamento fotográfico, entrevistas com autores arquitetos, com engenheiros envolvidos na execução das obras e com funcionários das instituições. A partir desses dados, foi realizada uma reconstrução dos edifícios, além da produção dos redesenhos, produzindo as representações bidimensionais e as maquetes físicas e virtuais que subsidiaram as análises. Para Cotrim, Vidal e Tinem (2011),

[...] o redesenho, a execução de modelos construídos, digital ou fisicamente, e a análise dos diferentes componentes da arquitetura em questão servem como ferramentas para reconhecer a importância de um processo de compreensão a partir da obra e de sua realidade física como condição fundamental para a elaboração de um discurso crítico.

Dessa maneira, Vázquez Ramos (2016) afirma que para compreender o processo de projeto de um autor, utilizar-se de semelhante ferramenta desse autor, o desenho – “essência da arquitetura como disciplina artística que persegue a finalidade prática” – permite perceber quais os procedimentos desse processo foram usados para resultar na forma final do edifício.

Segue agora a análise individualizada de cada um dos sete edifícios aqui documentados.

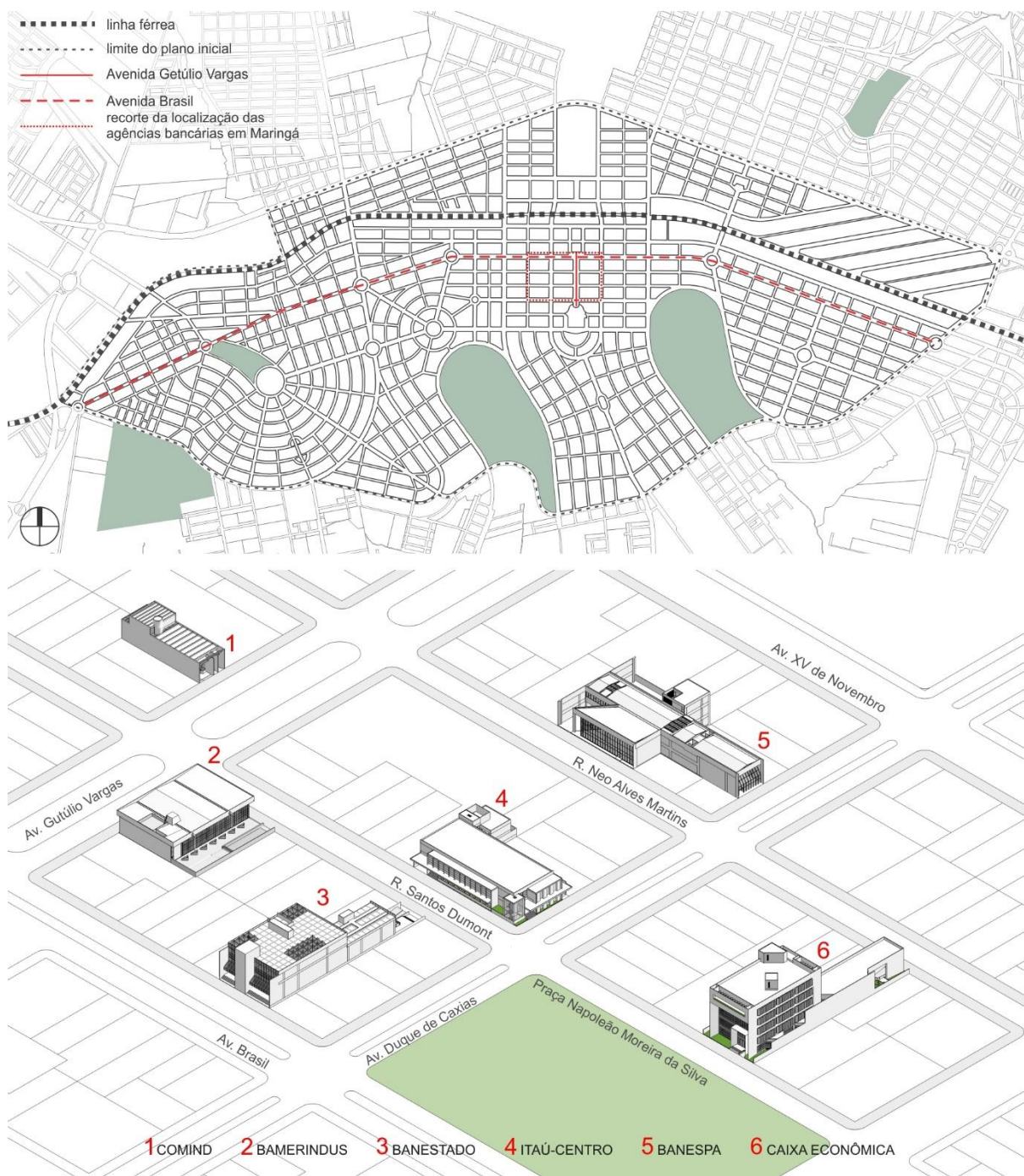


Figura 1: Acima, o traçado urbanístico de Maringá, com destaques em vermelho da Avenida Brasil, da Avenida Getúlio Vargas e do quadrilátero das agências bancárias, à norte, a linha férrea e o perímetro urbano do desenho inicial. Abaixo, isométrica panorâmica do conjunto dos bancos da área central, no qual não está contida a agência do Itaú do Maringá Velho, pois dista dois quilômetros da área.

Fonte: VERRI, 2016, editado pelos autores.



COMIND

Arquitetura: Könisberger & Vannucchi Arquitetos Associados.

Jorge Königsberger

Gianfranco Vannucchi

Localização: Avenida Getúlio Vargas

Área total construída: 1.067,961m²

Área do subsolo 370,35m²

Área do térreo: 372,73m²

Área do mezanino: 167,70m²

Área técnica: 142,88m²

Área do terreno: 520,00 m²

Área livre: 51,59 m²

Execução: França, Ferraz S/A Engenharia e Construções

Aprovação do projeto: 11/03/1981

Emissão do habite-se: 27/10/1981

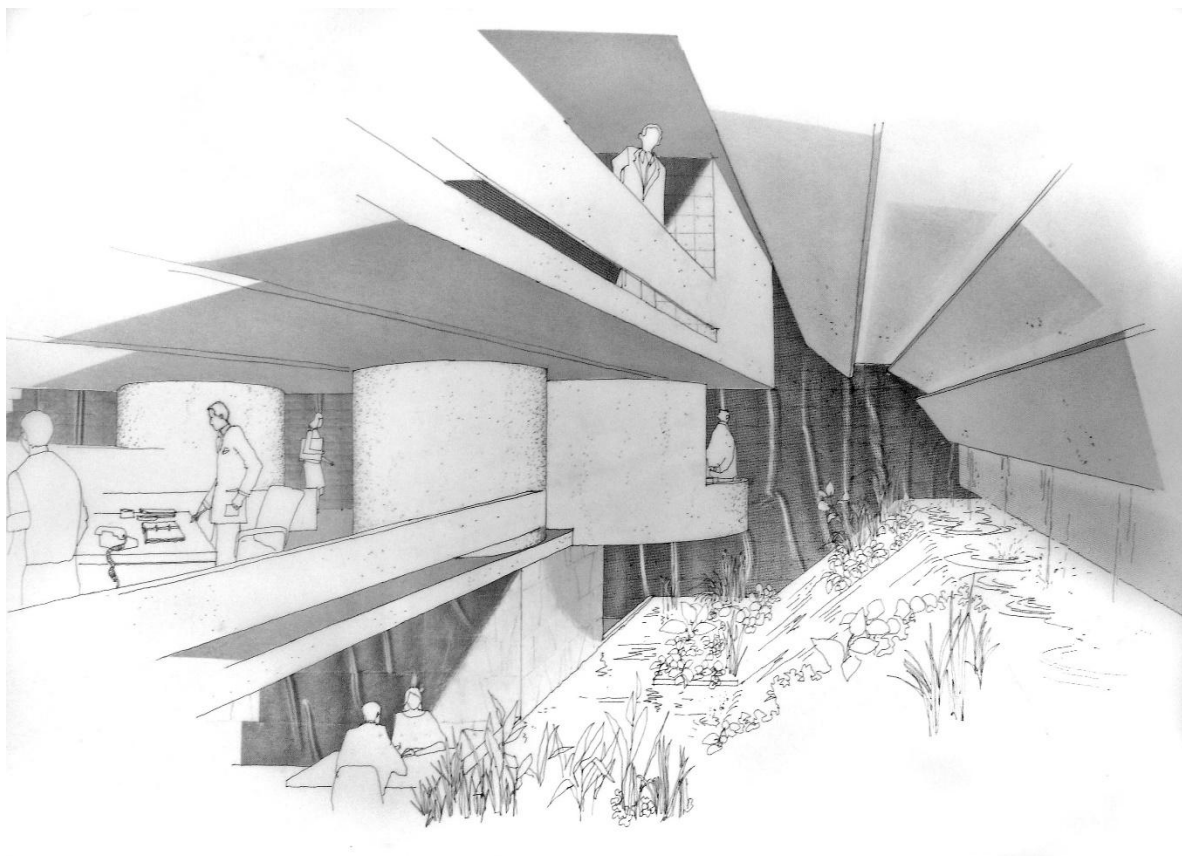


Figura 2: Perspectiva do Estudo Preliminar da agência do COMIND, em Maringá.
Fonte: Acervo de Könisberger & Vannucchi Arquitetos Associados, cedido aos autores.



O projeto datado da década de 1980 foi construído na Avenida Getúlio Vargas, próximo ao centro cívico de Maringá, em terreno de 13,0m por 40,0m, totalizando 520 m².

A partir dos desenhos do projeto legal consultados na prefeitura municipal e do estudo preliminar cedido pelo escritório, nota-se que a agência foi resolvida em um primeiro momento em três pavimentos: subsolo, térreo e mezanino. No subsolo estariam localizados cofres, refeitório e área técnica, e o acesso seria feito através de três escadas helicoidais, uma para cada área. No térreo estaria o saguão de atendimento, composto pelos caixas, gerência e reuniões, enquanto o mezanino seria constituído pela área restrita a funcionários, com acesso feito através da escada helicoidal central. Como o edifício está implantado no sentido leste-oeste, os arquitetos projetaram brises nas duas faces, que formariam cascatas nos espelhos d'água localizados tanto na frente como no fundo do terreno. A transição da rua para o edifício seria realizada pelo jardim com espelho d'água, e o térreo do edifício estaria 0,40 m cima do nível da rua.

Notam-se, no entanto, algumas alterações no projeto aprovado pela prefeitura. A área técnica foi realocada para um novo pavimento, acima do mezanino, e no subsolo foi implantada a garagem. Outra modificação foi a substituição dos brises da fachada leste por domus, que permitem a entrada da luz natural mas impedem a entrada da chuva, permitindo a inexistência de esquadrias no fundo do terreno: o espaço de trabalho se abre para o jardim dos fundos separado apenas por peitoris.

A ausência de recuos laterais colabora com a solução estrutural: as empenas suportam todos os esforços, deixando um vão livre de mais de 12,0m, o que favorece a circulação da garagem e o layout dos ambientes. As lajes foram solucionadas de três maneiras distintas. A do térreo é tradicional com vão entre vigas de 2,40m. As lajes tanto do mezanino quanto do pavimento técnico são do tipo caixão perdido, com vãos de 1,70m e 1,50m, respectivamente. Por fim, as lajes de cobertura possuem vigas invertidas, com o mesmo vão do pavimento térreo, 2,40m.

BAMERINDUS

Arquitetura: Renato Mueller

Estrutura: Ary Veloso Queiroz

Localização: Avenida Getúlio Vargas e Rua Santos Dumont

| | |
|------------------------|--|
| Área total construída: | 3.128,00 m ² |
| Área do subsolo | 1.361,12 m ² |
| Área do térreo: | 1.066,66 m ² |
| Área da sobreloja: | 752,22 m ² |
| Área do terreno: | 1560,00 m ² |
| Ocupação: | 1066,66 m ² |
| Área livre: | 493,34 m ² |
| Execução: | Habitação S.A. Construções e Empreendimentos |
| Aprovação do projeto: | 29/09/1980 |
| Emissão do habite-se: | 13/04/1981 |

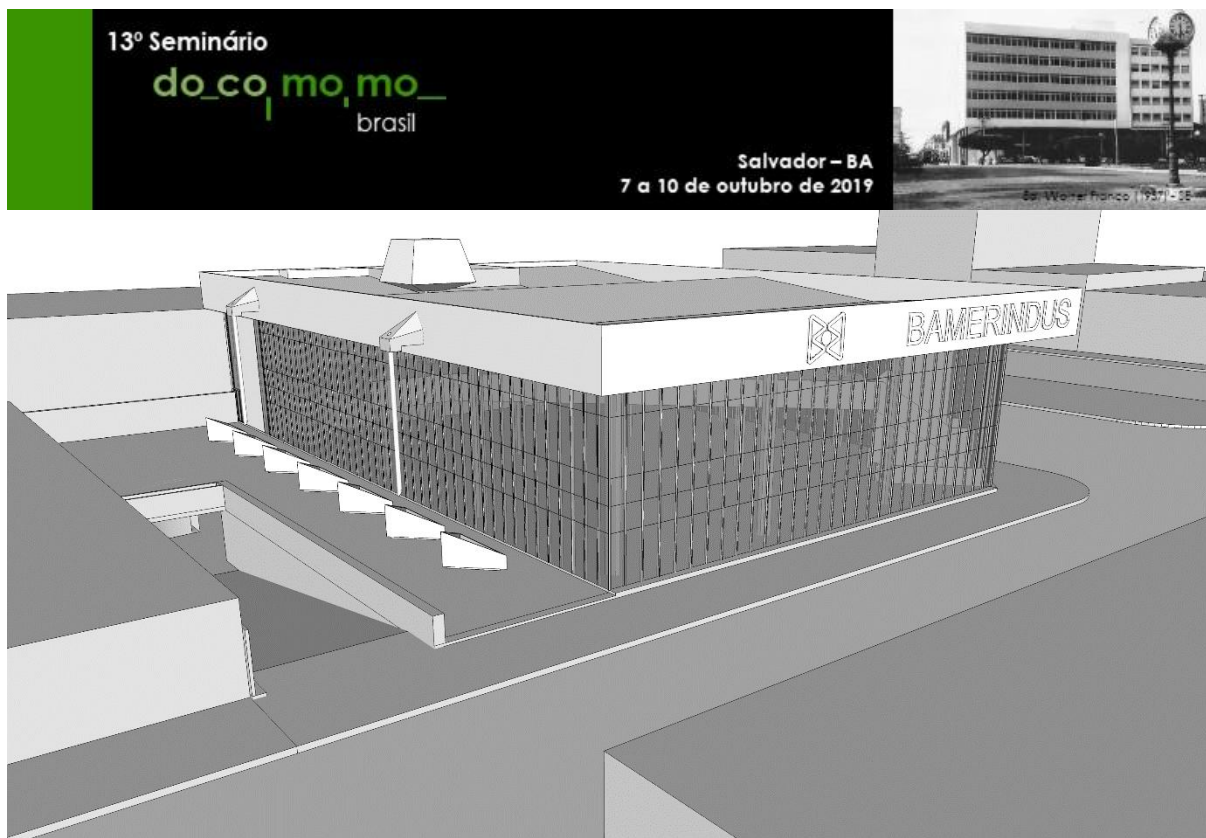


Figura 3: Perspectiva da agência do Bamerindus em Maringá, vista da Rua Neo Alves Martins.
Fonte: Redesenho dos autores, a partir do Projeto Legal do acervo da Prefeitura Municipal.

A agência do Banco Bamerindus, localizada na esquina da Rua Santos Dumont com a Avenida Getúlio Vargas, está implantada em três lotes de dimensões 13,0m x 40,0m (medidas comuns nesse parcelamento central), situados lado a lado, com as testadas voltadas à Rua, totalizando 39,0m x 40,0m, com 1.560m².

A fachada principal do edifício está voltada a leste na Avenida, enquanto a lateral possui uma passagem secundária de pedestres e a entrada de veículos para a garagem. Essa circulação livre para os pedestres por meio dos lotes, ou até mesmo por dentro dos edifícios, era comum nas agências desse período na cidade.

O edifício se organiza em três pavimentos. No subsolo, foram dispostas as vagas de garagens, a área de circulação e a escada de acesso para os pavimentos superiores. O térreo e a sobreloja atendiam a uma organização costumeira: a “disposição no térreo para atendimento ao público em geral, e na sobreloja ao público restrito” (ZEIN, 1984, p. 82). Nesses pavimentos, as áreas destinadas aos serviços – banheiros, circulação e salas técnicas de ar-condicionado, cofres, caixa-forte, cantina, administração, telefonista, cabine de força – se encontram na porção norte, a única fachada do edifício completamente cega. Essa concentração do setor técnico possibilita a liberação completa do restante da planta, permitindo a flexibilidade necessária para se adaptar a mudanças futuras.

Como característica comum aos edifícios brutalistas, a estrutura da agência é o elemento essencial para sua compreensão. É a partir da modulação de 1,6m x 1,6m, presente nas lajes nervuradas aparentes, que se organizam os eixos dos pilares, dispostos a cada 8,0m no sentido transversal e 9,6m no longitudinal. O encontro dos pilares cruciformes em concreto armado com a laje, dá-se através do preenchimento em concreto do vão entre vigas, reforçando estruturalmente a laje nesses pontos.

A modulação da estrutura também pode ser percebida nas vedações: as fachadas leste, sul e oeste eram panos de vidros com estruturas em aço inoxidável de 7,30m de altura – o pé-



direito total do edifício – dispostas a cada 0,80m, subdividindo assim cada módulo da estrutura.

As escadas são estruturalmente independentes das lajes, uma parede estrutural entre os lances e patamares em balanço. Para reforçar essa independência, as escadas são rotacionadas 45° com relação à grelha estrutural, e a partir delas são estabelecidos os recortes na laje da sobreloja e a marquise que demarca a entrada principal do edifício se organizam.

No exterior do edifício, elementos triangulares de concreto armado são usados como floreiras para o recolhimento das águas pluviais, ventilação e iluminação para o subsolo. Para a solução da caixa d'água uma forma plástica, como a de um diamante, aflora na cobertura, próxima de uma das extremidades da avenida.

Registra-se nesse texto que uma loja de departamentos de origem mexicana, fez uma reforma em 2015 que mutilou violentamente o edifício. Do conjunto estudado, certamente esse exemplar é o que teve as mais significativas perdas. Dois anos depois, portanto em 2017, a empresa desocupou finalizou suas operações no Brasil e o edifício se encontra, além de alterado, vazio e sem manutenção.

BANESTADO

Arquitetura: Rodolfo Doubek Filho

Localização: Avenida Brasil e Rua Santos Dumont.

| | |
|-----------------------------|---|
| Área total construída: | 4.159,23 m ² |
| Área do térreo: | 1.323,50 m ² |
| Área do mezanino: | 651,09 m ² |
| Área do primeiro pavimento: | 712,34 m ² |
| Área do ático | 67,81 m ² |
| Subsolo: | 1.404,49 m ² |
| Área do terreno: | 1.560,00m ² |
| Área livre: | 236,50 m ² |
| Execução: | Construtora Ingá, Eng. Luiz Roberto Parizotto |
| Aprovação do projeto: | 07/12/1982 |
| Emissão do habite-se: | 03/06/1985 |

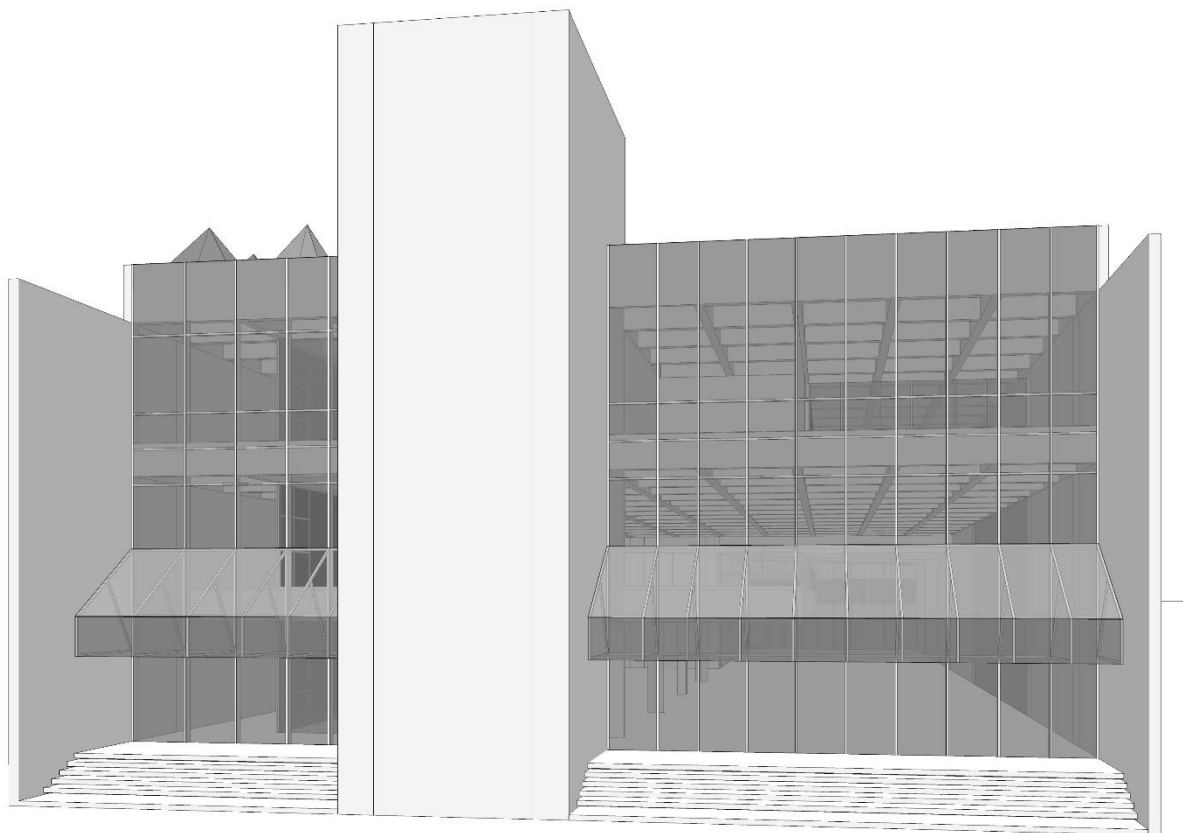


Figura 4: Perspectiva da fachada do Banestado vista da Av. Brasil.

Fonte: Redesenho dos autores, a partir do Projeto Legal do acervo da Prefeitura Municipal.

O edifício é implantado entre a Av. Brasil e a Rua Santos Dumont, em um conjunto de três lotes organizados em L, cada um com dimensões de 13,0m x 40,0m, desta forma, soma-se uma área de 1.560m². A conformação dos três lotes setoriza o edifício em dois blocos, que são estruturalmente separados por uma junta de dilatação, sendo o primeiro voltado à fachada norte, com acesso à Av. Brasil, e o segundo, orientado para fachada sul, na Rua Santos Dumont.

O projeto foi desenvolvido sob rígida modulação em uma malha de 2,5m x 2,5m, com toda a estrutura de lajes nervuradas seguindo esse padrão; no subsolo há um módulo derivado, contendo vãos de 7,5m x 2,5m. A modulação também condicionou a paginação de piso, layout das luminárias e dutos de ar-condicionado e os caixilhos das vedações.

O edifício pode ser acessado por ambas vias públicas, está elevado 0,90m com relação ao passeio e possui uma passagem interna que possibilita ao pedestre transpor a quadra à sombra, que segundo Doubek (2018), foi um dos partidos arquitetônicos adotados.

Quanto à distribuição do programa de necessidades, o Banestado respondeu conforme uma prática adotada em inúmeros casos, fazendo do pavimento térreo o local mais público, o pavimento superior, menos público, atendendo por exemplo a agências regionais, e no mezanino intermediário o necessário apoio a ambos. A gerência regional destinou um acesso para a cobertura verde, o ático, no bloco voltado à Rua Santos Dumont.



A agência possui iluminação zenital por claraboias que, nas palavras do autor, foi também um dos norteadores do projeto. O primeiro pavimento e o mezanino foram recuados da lateral oeste, permitindo a passagem de luz para o térreo. As fachadas são em pele de vidro fumê, há volumes e planos destacados pelo revestimento de mármore travertino e, internamente, a estrutura pilares, vigas, lajes e nervuras em concreto aparente.

ITAÚ CENTRO

Arquitetura: ITAUPLAN

João Eduardo De Gennaro

Localização: Avenida Duque de Caxias esquina com Rua Santos Dumont.

Área total construída: 4.146,82 m²

Área do térreo: 1.198,00 m²

Área do superior: 1.227,40 m²

Cx. D'água: 160,30 m²

Subsolo: 1.561,12 m²

Área do terreno: 1.600,00 m²

Área livre: 402,00 m²

Execução: Engenharia Syrthes Legendre

Aprovação do projeto: 12/05/1983

Emissão do habite-se: 18/04/1984

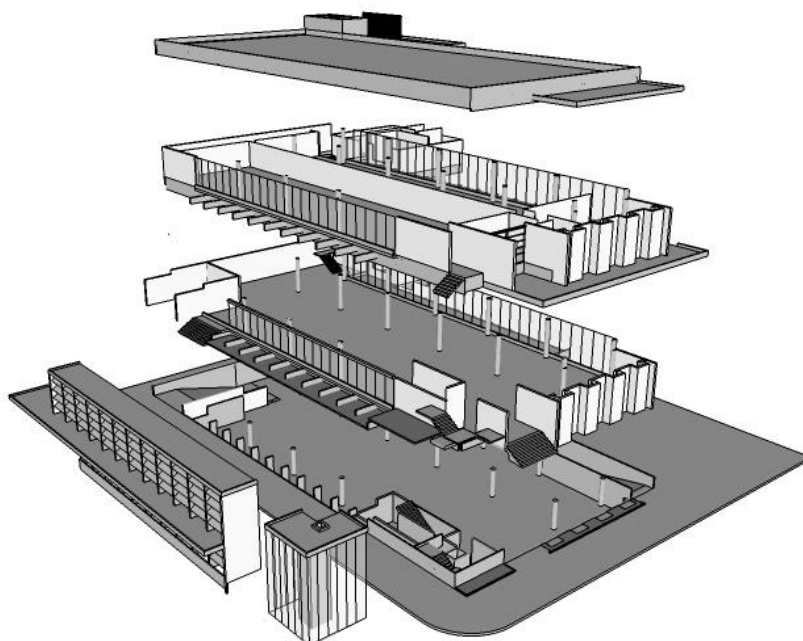


Figura 5: Perspectiva explodida da Banco Itaú-Centro de Maringá.

Fonte: Redesenho dos autores, a partir do Projeto Legal do acervo da Prefeitura Municipal.

13º Seminário

do_co,mo,mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



O Banco Itaú, após sua fusão com o Banco Português do Brasil, decidiu por fundar um departamento próprio para cuidar dos projetos e execuções de obras de engenharia das novas agências, em vez de terceirizá-los. Foi criada então a Itauplan, derivada do departamento técnico da Duratex, fundada por Olavo Setúbal em 1959, encarregada desse objetivo de 1973 a 2000, ano de extinção da empresa. Setúbal, principal executivo do Banco Itaú e reconhecido mecenas no país, decidiu pela contratação do arquiteto e urbanista João Eduardo De Gennaro como gerente de projetos de 1973 a 1990. De Gennaro trabalhou com o arquiteto Paulo Mendes da Rocha no projeto vencedor do concurso para o ginásio do Clube Atlético Paulistano em 1958, prêmio que imprimiu aos recém graduados reconhecimento e visibilidade, além da premiação na VI Bienal de São Paulo, em 1961.

De Gennaro e equipe desenvolveram vários projetos para as novas agências, imprimindo à obra arquitetônica os ideais de progresso, desenvolvimento e modernização, almejados pela empresa. Sua arquitetura foi caracterizada pelo uso das estruturas em concreto armado aparente, das empenas cegas, da planta livre, brise-soleil, marquises; elementos que foram vastamente explorados e rearticulados nas agências implantadas por todo o país.

O Banco Itaú no centro de Maringá está implantado em um conjunto de três lotes na esquina da Avenida Duque de Caxias com a Rua Santos Dumont, considerados planos, somando uma área de 1600 m². O térreo foi elevado 1,60m do nível da calçada, possibilitando a ventilação e iluminação naturais do subsolo, que contou também com jardins, principalmente nas divisas dos lotes. A solução volumétrica sintetiza-se num prisma único, acrescido de elementos perimetrais de proteção térmica – brises, pergolados, marquises e jardins internos –, de marcação dos acessos e de circulação vertical, com a escada envolta por vidro ocupando a esquina.

As vedações, dissociadas da estrutura, se apresentam em alvenarias brancas, em menor incidência e na maioria dos casos, consistem em grandes janelas do piso ao teto que estão, ao norte, sombreadas por brises, e ao sul, voltadas para um jardim na divisa do lote, implantado no recuo de 3,20m. A decisão de instalar esse jardim possibilitou uma abundante iluminação natural e conseqüentemente a sensação de expansão do espaço no trecho do programa mais público.

Na planta retangular há três linhas de pilares no sentido longitudinal a partir da rua, com vãos de 12,75m e 6,95m. No sentido transversal, há seis linhas estruturais a cada 8,20m. Toda a estrutura é em concreto aparente com laje nervurada de 0,80m, apoiada em pilares de 0,50m de diâmetro.

Como comumente visualizado, o programa foi organizado tendo, no pavimento térreo a agência bancária destinada ao público, no superior, espaços menos acessados por abrigarem agência regional e os serviços estrategicamente instalados para atenderem a ambos.



BANESPA

Arquitetura: Paulo A. Mendes da Rocha Arquitetos Associados S/C Ltda
Paulo Archias Mendes da Rocha
Eduardo Argenton Colonelli
Fernando Soares de Freitas
Alexandre Delijaicov, estagiário – informação dada pelo próprio, em 2013.

Localização: Rua Deputado Neo Alves Martins.

| | |
|------------------------|---|
| Área total construída: | 2.388,48 m ² |
| Área do térreo: | 1.212,28 m ² |
| Área do superior: | 901,15 m ² |
| Praça das Máquinas: | 149,50 m ² |
| Subsolo: | 125,55 m ² |
| Área do terreno: | 2.080,00 m ² |
| Área livre: | 571,46 m ² |
| Execução: | Construtora Ingá, Eng. Luiz Roberto Parizotto |
| Aprovação do projeto: | 06/01/1986 |
| Emissão do habite-se: | 24/06/1987 |

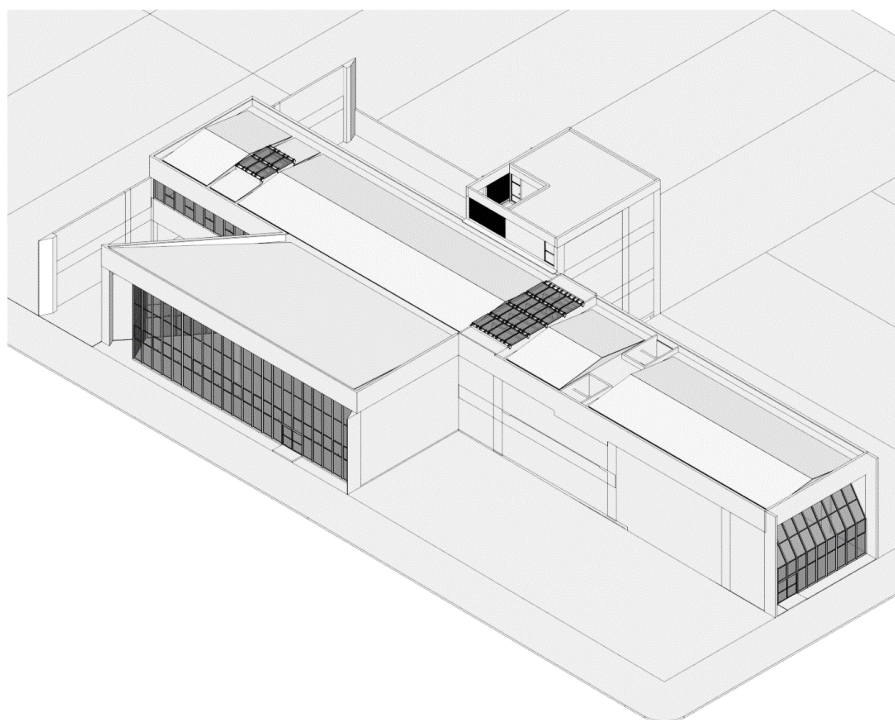


Figura 6: Isométrica do Banespa Maringá.

Fonte: Redesenho dos autores a partir do Projeto Legal do acervo da Prefeitura Municipal de Maringá



A agência do Banespa Maringá¹ ocupa quatro lotes de 13,0m x 40,0m, sendo três deles contínuos e voltados à rua Deputado Neo Alves Martins, à norte, conformando um quadro de 39,0m x 40,0m, e o quarto lote perpendicular, na porção mediana à oeste com frente para à Avenida Duque de Caxias, resultando numa forma de “T”, com área total de 2.080 m².

O quadro de 39,0m x 40,0m é dividido por uma diagonal que define o espaço entre cheio, com o salão de atendimento ao público, e o vazio do estacionamento, no térreo. No extremo posterior da diagonal há uma torre que acomoda a circulação vertical, a área técnica e as instalações. No terreno perpendicular ao quadro prolonga-se um pavilhão suspenso, que o divide em três partes: a frontal que contém o acesso principal com pé direito duplo, abrigando o atendimento ao público; na porção mediana, os caixas e a área de expediente no térreo, e o setor de apoio e processamento de dados no pavimento superior, e na terceira faixa, uma torre contendo o expediente no térreo, a tesouraria no pavimento superior e a praça das máquinas na cobertura. Nesse pavilhão, implantado no lote perpendicular, há o segundo acesso vinculado à via pública, também com pé direito duplo.

Essa geometria está em consonância com a solução técnica: a estrutura do edifício implantado no lote perpendicular é composta por quatro conjuntos de pilares e vigas com vãos de 13,0m. No quadro com os 39,0m de testada, há três apoios alinhados na mediana, configurando então, dois vãos de 19,5m longitudinalmente, assim desenhados: uma coluna no interior do saguão de pé direito duplo, e os outros dois pilares apoiando o pavilhão suspenso. Entre esses últimos apoios, o autor desenha no sistema de vedação, a esquadria que configura o terceiro acesso, da garagem à agência.

As vedações nas divisas são em alvenaria enquadradas na estrutura, e, nas vias públicas e na diagonal, um sistema constituído por tubos de alumínio e vidro, deixando transparentes as faces voltadas às ruas. As instalações elétricas, hidrossanitárias e dutos de ar condicionado são aparentes e coloridos. O arquiteto define as áreas de público com piso vinílico na cor caramelo, e nas áreas privativas, nas cores azul e rosa.

Ainda que a área da implantação tenha uma configuração incomum, Mendes da Rocha apresenta uma solução de espaços livres de elementos estruturais, integrando a arquitetura à cidade.

¹ Informações sobre o Banespa em Verri Junior, Verri e Araújo (2017) e Verri, Verri Junior e Araújo (2019). Ver também: VERRI JR., A; VERRI, T. N. G; ARAUJO, V. A. "O REDESENHO COMO PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO - Paulo Mendes da Rocha em Maringá", artigo publicado no Arquivemoria5 em 2017.



CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Arquitetura: Luiz Forte Netto S/C
Luiz Forte Netto
Orlando Busarello
Dilva Candida Slomp Busarello
Ety Gonçalves Forte

Localização: Rua Santos Dumont, datas 05,15 e 16 da quadra 24, zona 01.

| | |
|------------------------|--|
| Área total construída: | 5.497,20 m ² |
| Área do subsolo | 1.532,70 m ² |
| Área do térreo: | 1.349,20 m ² |
| Área do 1º pavimento: | 917,00 m ² |
| Área do 2º pavimento: | 521,40 m ² |
| Área do 3º pavimento: | 521,40 m ² |
| Área do 4º pavimento: | 618,60 m ² |
| Área - casa máquinas: | 36,90 m ² |
| Área do terreno: | 1.530,00 m ² |
| Ocupação: | 1.508,64 m ² |
| Área livre: | 571,46 m ² |
| Execução: | Construtora Guimarães Castro, Engenheiro Paulo Marcos Junqueira Guimarães |
| Aprovação do projeto: | 05/08/1986 |
| Emissão do habite-se: | 28/11/1988 |

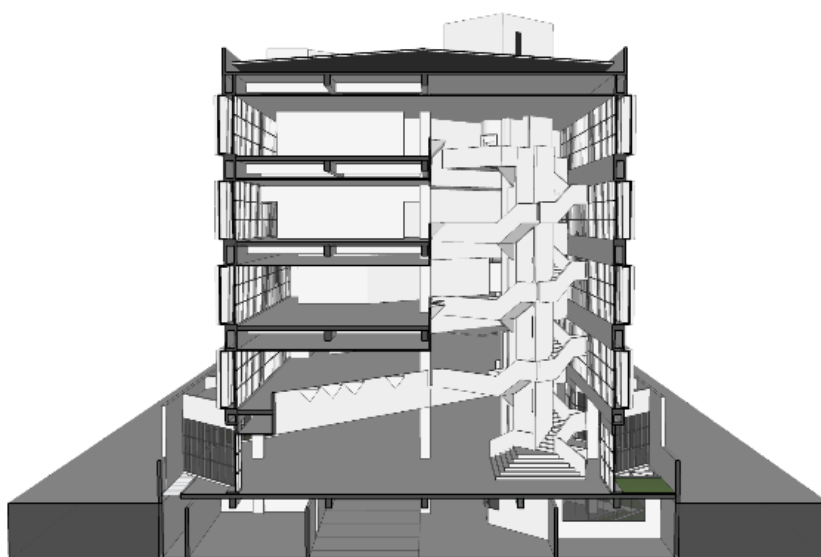


Figura 7: Corte perspectivado do vazio central da agência da Caixa Econômica Federal de Maringá.
Fonte: Redesenho dos autores a partir do Projeto Legal do acervo da Prefeitura Municipal de Maringá

13º Seminário

do_c_o_m_o_m_o_
brasil

Salvador – BA

7 a 10 de outubro de 2019



O edifício está implantado numa área composta por três lotes retangulares de 13m por 40m, sendo dois deles voltados para a Rua Santos Dumont e o outro para a Rua Neo Alves Martins, com 1.560,0m². O programa da agência foi distribuído em seis pavimentos mais um subsolo para as garagens.

A agência ocupa praticamente todo o terreno, tendo o limite do pavimento térreo nos alinhamentos prediais e seus acessos em ambas ruas da quadra, solução já vista em outras agências projetadas no mesmo período em Maringá. A fachada principal do edifício está voltada para norte, e a sul, entrada secundária para pedestres e veículos, que acessam as garagens no subsolo.

O programa foi setorizado em: áreas de atendimento ao público geral, aos clientes e às áreas de apoio aos funcionários. O térreo e o primeiro pavimento abrigam o atendimento ao público, o segundo pavimento destinou-se ao atendimento de clientes com avalistas e um dos cofres, o de penhores. No terceiro e quarto pavimentos, com acesso mais restrito, foram distribuídas as áreas de treinamento e de apoio para funcionários. O subsolo, além da garagem, também abrigou um cofre e a central de ar condicionado.

O edifício foi concebido a partir de dois volumes prismáticos puros, sendo o de maior proporção com o acesso voltado à rua Santos Dumont à norte, com cinco pavimentos, e outro com dois pavimentos, voltados à rua Neo Alves Martins. Há ainda volumes menores agregados ao principal.

A estrutura é um sistema porticado de concreto armado, com pilares de 0,6m x 0,6m, modulados com vãos de 9,60m por 9,60m. As lajes maciças de 10cm de espessura se apoiam sobre as vigas de 0,3m x 0,6m, que formam uma malha com eixos de 4,80m por 4,80m, tendo assim, vigas apoiadas sobre os pilares e vigas intermediárias. A rígida modulação é interrompida pela junta de dilatação no encontro do prisma de 05 pavimentos com o de 02, separando assim, o edifício em dois volumes com estruturas independentes. No interior do edifício essa modulação também é interrompida nos dois acessos da agência, no principal, o átrio criado do térreo até o 4º pavimento deixa a escada em evidente protagonismo, muito detalhada, e os corredores de acesso às atividades de cada pavimento; já o acesso secundário é marcado pelo pé-direito duplo e a laje chanfrada a 45º. Nas fachadas da agência, quatro pórticos de pilares chanfrados de concreto aparente para as soluções dos acessos.

As alvenarias são enquadradas na estrutura de concreto aparente e receberam acabamento dentro e fora em pastilhas cinza, de tal modo que se separem estrutura e vedação. O edifício tem brises, pergolado e jardins internos, também em concreto, que contribuem no conforto térmico.

A partir da estratégia projetual adotada, um grande volume que recebeu inserções para a acomodação do programa Forte Netto cria uma integração dos espaços, solução reforçada no acesso principal, conformado pelos recuos das lajes que formam um ático de cinco pavimentos livres.

A agência se encontra em bom estado de conservação, ainda que tenha recebido as novas camadas de segurança nos acessos e o fechamento parcial do vazio do acesso principal.



ITAÚ - MARINGÁ VELHO

Arquitetura: ITAUPLAN

João Eduardo De Gennaro

Localização: Avenida Brasil, 5.123 e 5.139 e Rua Lopes Trovão, 188.

Área total construída: 1.215,60 m²

Área do térreo: 922,20 m²

Área do pvto. mezanino: 223,30 m²

Cabine Primária: 24,02 m²

Caixa d'água superior: 21,57 m²

Caixa d'água enterrada: 24,51 m²

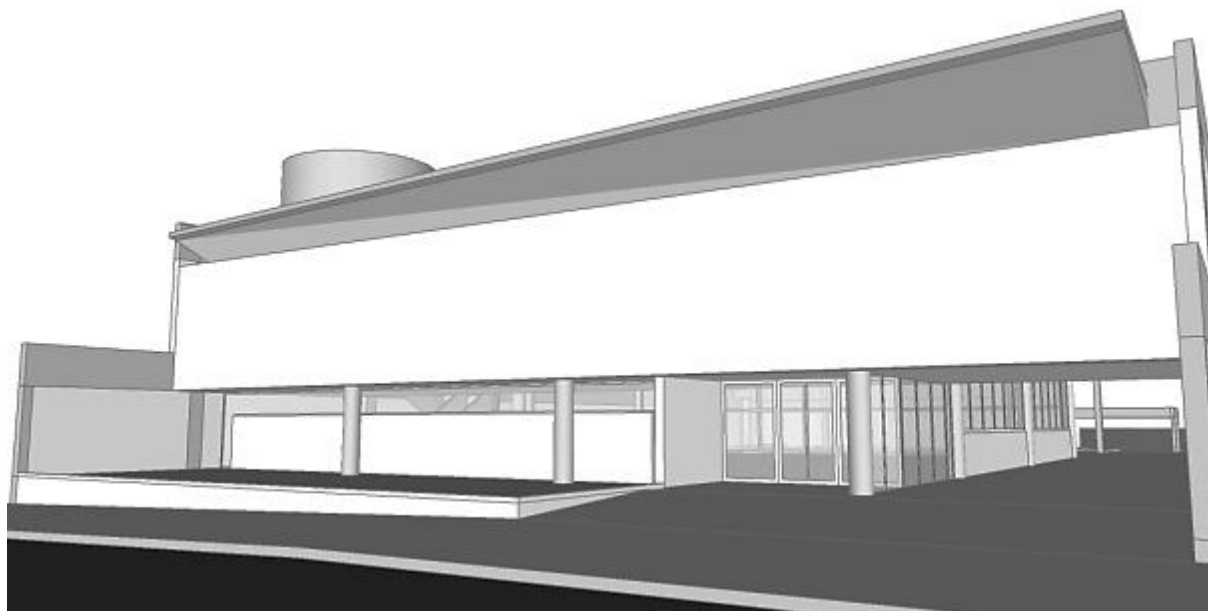
Área do terreno: 2.450,00 m²

Área livre: 1.527,80 m²

Execução: José Eugênio da Silva Rocha

Aprovação do projeto: 22/05/1990

Emissão do habite-se: 22/05/1991



. **Figura 8:** Perspectiva da fachada do Itaú Maringá Velho vista da Avenida Brasil.

Fonte: Redesenho dos autores a partir do Projeto Legal do acervo da Prefeitura Municipal de Maringá

Conforme visto anteriormente, quando abordada a agência do banco Itaú do centro da cidade, os projetos arquitetônicos e execuções de obras de engenharia dessa empresa foram desenvolvidos por um departamento próprio, a ITAUPLAN, portanto, esse segundo exemplar também foi de autoria do arquiteto João Eduardo De Gennaro, de 1990, está

13º Seminário

do_c_o_m_o_m_o_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



implantada na Avenida Brasil, que é a via principal do comércio local, entretanto, em trecho distante dois quilômetros do centro. Chamada agência Itaú do Maringá Velho, tem essa denominação por conta do nome da região constituída de oito quadras, as primeiras a serem ocupadas e que desencadearam todo processo de ocupação do território maringaense na década de 1940.

O projeto arquitetônico previu um recuo lateral, possibilitando que se cruzasse a quadra, acessando a Rua Lopes Trovão, conforma-se um conjunto de quatro lotes, dois deles à Avenida Brasil, lotes 1A e 2A, e os demais com frente para a Rua Lopes Trovão, lotes 1B e 2B, com dimensões de 14,5m x 43,0m cada um, somando-se uma área de 2.450,0 m². Dadas as generosas proporções do terreno para acomodação do programa, não foi previsto o subsolo. Como o terreno faz frente para duas vias, o projeto tem seu acesso principal para a via de maior importância e movimentação, Avenida Brasil, e posiciona o estacionamento e a guarita voltados à via secundária.

O programa é organizado em um único bloco, tendo um mezanino à frente que é todo estruturado (vigas e pilares) em concreto aparente, e seu desenho, conduz o cidadão a ingressar no espaço com pé direito convencional, e logo a frente, há um aumento das proporções, acessando o salão principal. A estrutura, conforme exemplar anterior, também segue rígida modulação, tendo na porção transversal as seguintes proporções: da direita para esquerda, um recuo de 6,5m que configura a rua interna, e mais três vãos de 7,5m, no sentido transversal, vãos de 10,0m. O programa foi acomodado exclusivamente, por um rígido detalhamento da mobília, com divisórias baixas, fazendo abundante uso da cor laranja como reforço da identidade do banco. Essa solução dada aos espaços internos se apresenta como um dos diferenciais em relação ao exemplar anterior. A cobertura do grande salão é metálica, vencendo um vão de 22,5m, tem fechamento à leste na divisa predial cego, e no oeste, um pano de vidro de 4,95m de altura, sombreado por um quebra sol pergolado, com desenho semelhante ao brise norte da agência central.

Considerações Finais

Este artigo apresentou sete análises de agências bancárias – COMIND, Bamerindus, Banestado, Caixa Econômica Federal, Itaú Centro e Maringá Velho, e Banespa – buscando a compreensão das decisões projetuais voltadas à função, e com as dissecções de cada um dos edifícios, também a compreensão do método de trabalho dos autores, a apresentação das qualidades espaciais ancoradas nas decisões técnicas, e a ampliação do entendimento da arquitetura para além da geografia dos grandes centros.

A pesquisa procura colaborar com a historiografia da arquitetura de uma cidade nova planejada, com a formação acadêmica dos futuros arquitetos da cidade e região, disponibilizando as informações aos pesquisadores. Esse estudo pretende ainda imprimir visibilidade a projetos pouco conhecidos de autores muito comprometidos, que contribuem ao inventário da arquitetura moderna e ao estudo da arquitetura brasileira. A intenção de se inventariar esse conjunto se deu, também, para buscar a construção de uma cultura preservacionista não presente na cidade e ainda bastante incipiente no país, quando se trata de edifícios recentes e produzidos pela iniciativa privada.



Referências bibliográficas

BERRIEL, Andréa; SUZUKI Juliana Harumi. **Memória do arquiteto: Pioneiros da Arquitetura e Urbanismo no Paraná**. Organização: Andréa Berriel e Juliana Harumi Suzuki, prefácio: João Virmond Suplicy. Curitiba: Instituto de Arquitetos do Paraná- IAB-PR: Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2012.

BOTTI, Alberto Rubens. Críticas Injustas. **Revista Projeto** n. 26, 1981, p-30.

COTRIM, Marcio; VIDAL, Wynna; TINEM, Nelci. Diálogos gráficos: o uso do desenho mediando aproximações entre história e projeto na formação do arquiteto. In: FÓRUM DE PESQUISA FAU-MACKENZIE, 7., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FAU Mackenzie, 2011, p. 01-09. Disponível em: <<http://www.lppm.com.br/?q=node/216>>. Acesso em: mar. 2015.

DOUBEK FILHO, Rodolfo. Depoimento a Heloísa Lança Guilherme, ago. 2018.

GNOATO, Salvador. Racionalismo e Rigor construtivo: Rubens Meister. **Revista aU**. Pini; Edição 160 – 2007. Link:<<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/160/artigo55258-1.aspx>>. Acesso em: outubro de 2018.

LEMONS, Carlos. Arquitetura bancária e outras artes. **Folha de S. Paulo**, Caderno Opinião. São Paulo, 03 de jul. de 1979, p.03 <<https://bit.ly/2Uax191>>. Este artigo foi reproduzido no n.26 da Revista Projeto, de 1981, p.27-28.

LUNDBERG, Eduardo. **Saneamento do Sistema Financeiro** – A experiência brasileira dos últimos 25 anos. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/ftp/saneamento.pdf>>

MAHFUZ, Edson da Cunha. **Estructura portante y estructura formal: Mies van der Rohe y su influencia sobre la arquitectura paulista**. Dep. Projectos-UPC, 2014.

MAZZACORATTI, Cesar Luiz. **50 anos de arquitetura bancária no Brasil: Estudo a partir de uma instituição, o Banco Itaú**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PARIZOTTO, Luiz Roberto. Depoimento a Vinícius Alves Araújo, Aníbal Verri Junior e Tânia Nunes Galvão Verri, jul. 2017.

PIÑÓN, Helio. Cinco axiomas sobre el proyecto. 30 abr. 2008 In: HERMIDA, María Augusta (coord.). **Miradas a la arquitectura moderna en el Ecuador**. Tomo I. Maestría de Proyectos Arquitectónicos. Cuenca: Universidad de Cuenca, 2009, p. 15-27.

SABBAG, Haifa Yazigi. Arquitetura bancária. **Revista Módulo**, Rio de Janeiro, n. 79, Avenir Editora, mar. 1984, p. 40-63.

SEGAWA, Hugo. A atividade bancária e sua arquitetura. **Revista Projeto** n. 67, Projeto Editores Associados, set. 1984, p. 50-110.

SILVA, José Rodrigues da. **A Descontinuidade em Banco Comercial Privado Nacional** – um estudo de caso – O Comind. Maio de 1990. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9213/000055185.pdf?sequence=1&isAllOwed=y>>.

STROHER, Ronaldo de Azambuja. **As transformações na tipologia e no caráter do prédio bancário em meados deste século**. 1999. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – PROPARG Programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura da UFRGS, Porto Alegre, 1999.

TEPERMAN, Sérgio. De como entrar numa polêmica. Sem querer. **Revista Projeto** n. 26, 1981, p-31-32.

VÁZQUEZ RAMOS, Fernando Guillermo. Redesenho. Conceitos gerais para compreender uma prática de pesquisa histórica em arquitetura. **Arquitextos**, São Paulo, ano 17, n. 195.09, Vitruvius, ago. 2016 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.195/6181>>.

VERRI JUNIOR, A, VERRI, T.N.G., ARAÚJO, V.A., A recepção e a difusão da arquitetura e urbanismo modernos brasileiros na plena amplitude de sua abordagem – O edifício do Banespa em

13º Seminário
do_c_o_m_o_m_o_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



Maringá. In: 12º Seminário Docomomo Brasil, ARQUITETURA E URBANISMO DO MOVIMENTO MODERNO - patrimônio cultural brasileiro: difusão, preservação e sociedade, 21-24 nov. 2017, Uberlândia. **Anais...** [recurso eletrônico] Uberlândia: PPGAU/FAUED/UFU, 2017.

VERRI, Tânia Nunes Galvão. **Arquitetura e Cidade**: a modernidade em Maringá. Tese (Doutorado em arquitetura) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Carlos, 2016.

VERRI, Tânia Nunes Galvão; VERRI JUNIOR, Aníbal; ARAUJO, Vinícius Alves de. O edifício do Banespa em Maringá. **Arquitextos**, São Paulo, ano 19, n. 225.01, Vitruvius, fev. 2019 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.225/7298>>.

VIDEIRA, S. L.; PRADA, J. S. A espacialização bancária no estado do Paraná: Contribuição para uma geografia financeira. **Revista Ra'ega**. Curitiba, v.39, p24 – 42, abril, 2017.

VIEIRA, Julio Luiz. **Arquitetura Bancária e Imagem Corporativa no Brasil**: O caso da Itauplan (1973-2000). – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2003.

WISSENBACH, Vicente. Arquitetura bancária nacional em análise. **Revista Projeto**, n. 63, São Paulo, mai. 1984, p. 4.

WISSENBACH, Vicente. Arquitetura bancária e bienais latino-americanas de arquitetura. **Revista Projeto**, n. 67, São Paulo, set. 1984, p. 4.

ZANETTINI, Siegbert. Arquitetura bancária assim como todas as artes... **Revista Projeto** n.26, 1981, p. 29-30.

ZEIN, Ruth Verde. Muita construção, muita arquitetura. **Revista Projeto** n. 63, Projeto Editores Associados, maio. 1984, p. 47-85.